



7 • Correio Braziliense — Brasília, segunda-feira, 21 de outubro de 2024

<b>Bolsas</b> Na sexta-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na sexta-feira	<b>Salário mínimo</b>	<b>Euro</b> Comercial, venda na sexta-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
0,22% São Paulo	131.005	R\$ 5,698 (+ 0,69%)	R\$ 1.412	R\$ 6,191	10,65%	10,87%	Maio/2024 0,46 Junho/2024 0,21 Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44
0,09% Nova York	15/10 16/10 17/10 18/10	Últimos					
		14/outubro 5,582 15/outubro 5,657 16/outubro 5,665 17/outubro 5,659					

## AGRONEGÓCIO

# Crise climática puxa o preço do cafezinho

Cotação do grão registra alta de 20% no terceiro trimestre, atingindo maior nível em quase uma década. Além dos eventos extremos, commodity tende a encarecer ainda mais em razão do aumento da demanda externa e de entraves logísticos

» CAMILA CURADO

Marcelo Carmargo/ Agência Brasil



Segundo maior produtor do mundo, Vietnã enfrenta crise e precisa recorrer ao Brasil para completar colheita e atender seus compradores

A estiagem e as altas temperaturas no Brasil e no Vietnã impactaram significativamente no custo de produção do café. Os dois países são os maiores produtores do mundo e, juntos, respondem por mais de 50% da produção global. De acordo com a Organização Internacional do Café (ICO), órgão intergovernamental formado por países exportadores e importadores, os preços subiram quase 20% no terceiro trimestre de 2024, atingindo os níveis mais altos em quase uma década.

No sul de Minas Gerais, estado responsável por mais da metade da produção no país, as variações da Bolsa de Valores na semana passada levaram o preço da saca de 60kg de R\$ 1.455 para R\$ 1.510, um aumento de 3,8% em apenas cinco dias.

As consequências das queimadas e do período de seca extrema vivido no Brasil devem refletir na safra 2024/25, segundo especialistas. Os impactos causados pelas altas temperaturas e os mais de 100 dias sem chuva só serão mensuráveis a partir do novo ano cafeeiro, que vai de outubro de 2024 a setembro de 2025. No entanto, a escalada dos preços já é uma realidade.

A bebida passou a ter um gosto mais amargo para o consumidor, com o custo bem acima da média da inflação oficial. Nos últimos 12 meses até setembro, o café moído acumulou uma alta de 22,66%, segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ano, a aceleração é ainda maior, chegando a 24,93%.

O presidente da Comissão Nacional do Café (CNA), Fabrício Teixeira Andrade, explica que a ansiedade climática antecede até mesmo os resultados das colheitas na precificação da commodity. "O mercado está muito sensível à volatilidade do café na bolsa — ainda que o mercado físico não acompanhe, porque seus resultados são sentidos mais a médio prazo", afirma.

A alta volatilidade do mercado tem relação direta com os alertas dados pelas mudanças climáticas, conforme avalia o diretor executivo da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), Celírio Inácio da Silva. Segundo ele, algumas vezes a reação do mercado precifica um impacto maior que a realidade.

"Quando se fala em queimadas, por exemplo, repercute muito, e a repercussão é um dos motivos desse aumento que estamos vendo. No levantamento que fizemos com os produtores, vimos que na prática a safra não foi muito afetada, mas a notícia já colabora para manter o preço alto", conta.

### Exportações recorde

Se por um lado os preços sobem, as exportações batem recordes. Em setembro deste ano,

4,5 milhões de sacas de 60 kg foram vendidas, 33% a mais do que os 3,3 milhões de 2023. O volume histórico acumulado de 2024, nos primeiros três trimestres do ano, também saltou para 36,4 milhões de sacas, o maior montante já registrado.

Dos 113 países que recebem o café do Brasil, os Estados Unidos são os principais compradores (5,7 milhões), seguido dos europeus Alemanha (5,3 milhões), Bélgica (3,3 milhões) e Itália (3 milhões) e, em quinto, o Japão (1,6 milhão).

Quanto maior a demanda externa, mais acirrado o mercado interno fica e mais difícil é manter os preços. Além disso, o Brasil tem trabalhado com outros países para inserir a tradição do café em outros territórios.

Celírio Inácio conta que isso foi feito com o Japão. O país não

tinha o hábito de consumir a bebida e, atualmente, é o 5º maior comprador. "Trabalhamos para espalhar a cultura do café pelo mundo e conseguimos expandir o mercado com a entrada de novos consumidores. Então, o comércio interno brasileiro disputa com uma demanda externa que cresce cada vez mais", diz.

A produção nacional também está sendo pressionada pelo Vietnã. Por causa do clima, da falta de tecnologia e dos problemas logísticos de transporte para exportar para a Europa, os vietnamitas passaram a comprar o café brasileiro para completar as demandas que recebem. De janeiro a setembro deste ano, eles importaram 637 mil sacas de 60 kg, 374,8% a mais que no mesmo período do ano passado. Dessas, 485 mil eram da espécie robusta.

### Socorro ao Vietnã

O pesquisador Renato Garcia Ribeiro, responsável pela área de café no Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), explica o porquê de uma nação asiática, segundo a maior produtora de café do mundo, precisar socorrer a produção brasileira para atender seus compradores.

"As lavouras no Vietnã sofreram com a falta de chuva e com altas temperaturas, que resultaram na queda da colheita, e agora os produtores enfrentam problemas para escoar a mercadoria. Algumas rotas estão bloqueadas por conta da guerra no Oriente Médio e, para contornar essa situação, o frete fica mais



**A guerra tem impactado o transporte marítimo de uma forma geral. Há rotas que não podem mais ser utilizadas ou, se utilizadas, representam um risco muito alto para o transportador, como a de Suez, no Oriente Médio"**

**Renato Garcia,**  
pesquisador da Esalq/USP

caro e lento, atrasando a passagem dos navios da Ásia para a Europa", afirma.

Historicamente, o Brasil lidera no mercado internacional com o café arábica (o Vietnã domina a produção mundial de grãos robusta, usados no café instantâneo). Nos três primeiros trimestres, 26,4 milhões de sacas foram vendidas, 26,6% a mais que em 2023, um recorde histórico.

A necessidade de suprir o espaço deixado pelo Vietnã, além de fornecer o produto para o país, criou um outro marco inédito: o Brasil saiu de 2,6 milhões de sacas para 7 milhões de 2023 para 2024, considerando o período de janeiro a setembro, um aumento de 170,4%.

O preço da bebida mais consumida do mundo depois da água é definido por uma série de fatores como insumos, embalagem, combustível e a própria matéria-prima, que representa de 60 a 65% do custo da produção, como destaca o diretor executivo da ABIC.

## Alta demanda e desafios no transporte

O Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé) mostrou que houve um aumento de 38,4% no valor da saca de 60 kg comparando setembro de 2023 (US\$ 193,32) com o de 2024 (US\$ 267,48). Segundo ele, a realidade deve se intensificar diante das intempéries climáticas, com a falta de mão de obra, e com o aumento da competitividade interna e externa.

O presidente da Comissão Nacional do Café (CNA), Fabrício Teixeira Andrade, descreve o cenário atual. "Lidamos com uma demanda cada vez maior de café no mundo e com um consumo interno grande. Um terço do que produzimos fica no mercado brasileiro,

e precisamos administrar os outros dois terços para dar conta do mercado externo", comenta.

Conforme disse, essas dificuldades em meio ao aumento da demanda se soma à meteorologia volátil e à mão de obra escassa. "Conseguimos mecanizar uma boa parte dos processos, mas ainda precisamos de gente, e poucos jovens se interessam, por conta da mudança de percepção das novas gerações sobre o trabalho", acrescenta.

Os entraves na logística para o escoamento da mercadoria não se limitam ao Vietnã, como destaca o pesquisador da Esalq/USP, Renato Garcia. "O preço deve aumentar também porque o frete está cada vez mais caro e

o fluxo de mercadoria cada vez mais lento", avalia.

"A guerra tem impactado o transporte marítimo de uma forma geral. Há rotas que não podem mais ser utilizadas ou, se utilizadas, representam um risco muito alto para o transportador, como a de Suez, no Oriente Médio", destaca o especialista.

### Lentidão e alto custo

O presidente da CNA, Fábio Teixeira, diz que a alternativa das embarcações tem sido a África do Sul, e por isso a lentidão e o custo mais alto: levam mais dias e mais combustível para dar a volta em todo o continente africano para passar

de um lado para o outro entre América, Europa e Ásia.

No último dia 16, a Cecafe divulgou um relatório com uma estimativa dos prejuízos causados pelos problemas de logística. Os elevados índices de atrasos e as alterações frequentes de escala de navios para exportação deixaram 2,15 milhões de sacas paradas nos portos até setembro de 2024.

Os exportadores deixaram de receber R\$ 3,2 bilhões como receita cambial e tiveram custos extras em torno de R\$ 5,9 bilhões. O caminho para que o café chegue até a xícara está mais complicado e mais caro, e o preço deve impactar no bolso para ajudar a conta a fechar. (CC)

### Exportações por trimestre

Mil sacas 60 kg

**2023**  
» 1º Tri - 8.372  
» 2º Tri - 7.824  
» 3º Tri - 10.068  
» 4º Tri - 12.982

**2024**  
» 1º Tri - 12.047  
» 2º Tri - 12.332  
» 3º Tri - 12.050

### Receita Cambial

Em US\$ milhões

**2023**  
» 1º Tri - 1.805,1  
» 2º Tri - 1.751,4  
» 3º Tri - 2.007,1  
» 4º Tri - 2.487,6

**2024**  
» 1º Tri - 2.512,0  
» 2º Tri - 2.833,4  
» 3º Tri - 3.105,4